



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

ROSELÂNDIA FERREIRA DE FREITAS

QUESTÕES DE SEXUALIDADE NA ESCOLA: UMA PRÁTICA NECESSÁRIA
NO MUNICÍPIO DE SERRA GRANDE / PB

CAJAZEIRAS/PB

JANEIRO / 2016

ROSELÂNDIA FERREIRA DE FREITAS

QUESTÕES DE SEXUALIDADE NA ESCOLA: UMA PRÁTICA NECESSÁRIA
NO MUNICÍPIO DE SERRA GRANDE / PB

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores- Campus de Cajazeiras/PB, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador (a): Prof.^aMs. Stella Márcia de Morais Santiago

CAJAZEIRAS/PB

JANEIRO /2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras – Paraíba

F866q Freitas, Roselândia Ferreira de

Questões de sexualidade na escola: uma prática necessária no município de Serra Grande / PB. / Roselândia Ferreira Freitas. - Cajazeiras: UFCG, 2015.

43f. : il.

Bibliografia.

Orientador (a): Profa. Ms. Stella Márcia de Moraes Santiago.

Monografia (Graduação) – UFCG.

1. Educação sexual. 2. Escola pública – Serra Grande – Paraíba. 3. Sexualidade. I. Santiago, Stella Márcia de Moraes. II. Título.

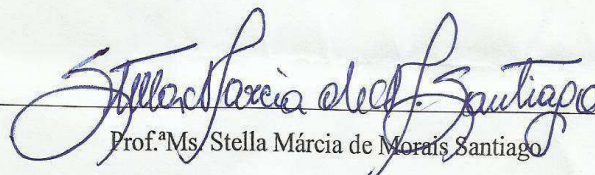
UFCG/CFP/BS

CDU –37:613.88(813.3)

ROSELÂNDIA FERREIRA DE FREITAS

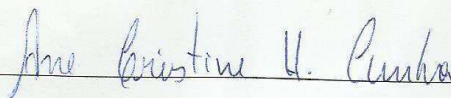
DATA DE APROVAÇÃO: 28 / 01 / 2016

BANCA EXAMINADORA



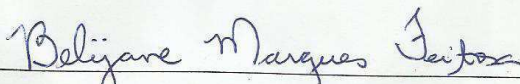
Prof.ª Ms. Stella Márcia de Moraes Santiago

Presidente da Banca/UFCG-CFP-UAE



Prof.ª Ms. Ane Cristine Hermínio Cunha

Examinadora/UFCG-CFP-UAE



Prof.ª Ms. Belijane Marques Feitosa

Examinadora/UFCG-CFP-UAE

Dedico este trabalho à minha família e em especial aos meus pais que sempre me incentivaram e fizeram tudo possível para que esse momento acontecesse. Aos meus queridos professores que contribuíram com seus saberes durante toda a minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de tudo, pela força e coragem pra superar e vencer as dificuldades dessa jornada.

A minha mãe Francisca Maria de Lira pelo companheirismo e amizade, bem como ao meu pai Assis Ferreira de Freitas, pela força e incentivo ao longo de minha formação.

À minha orientadora Prof^ª. MS. Stella Márcia de Moraes Santiago, por suas contribuições e ensinamentos, compreensão e dedicação, pela disponibilidade, atenção e acolhimento durante toda a realização desse trabalho.

Aos professores do CFP, pelos conhecimentos construídos, significativos para minha formação acadêmica enquanto futura profissional.

As gestoras que participaram se disponibilizaram e contribuíram para realização desse trabalho.

Enfim, a todos que de forma direta ou indiretamente, deram seu apoio e motivação para a produção desse trabalho monográfico.

“Os corpos são, afinal, significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados”. Guacira Louro, 2013.

RESUMO

A referida pesquisa pautou-se na reflexão sobre como professores de uma escola pública municipal do município de Serra Grande/PB, compreendem e trabalham com questões de sexualidade, com o objetivo de analisar as dificuldades dos professores em lidar com questões relacionadas ao tema, investigando o quanto sentem-se ou não preparados para adentrar nesta discussão. Utilizamos para fundamentação teórica os seguintes autores: Louro(2008), Suplicy(1995), bem como os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001). A metodologia utilizada para realização da pesquisa foi o estudo de Campo com caráter exploratório, traçando reflexões quantiqualitativas uma vez que a intenção estava em estudar detalhadamente as dificuldades dos professores para trabalhar questões de sexualidade em sala de aula. Para tal, fora aplicado um questionário com questões abertas e fechadas a 09 (nove) professores do Ensino Fundamental I. Assim, as reflexões se dão em cima das respostas obtidas nos questionários entregues pelos sujeitos da pesquisa. Os resultados indicam que os docentes reconhecem a importância da temática sexualidade, mas esta envolve questões de preconceito, valores e padrões sociais, que segundo os respondentes dificultam a abordagem e discussão de questões de sexualidade na escola, aliado a falta de formação específica, bem como de colaboração da família. Esperamos que esse trabalho desperte outras buscas na mesma direção, para que possamos avançar na discussão e, estimule o despertar de toda comunidade.

Palavras-chave: Educação. Questões de sexualidade. Professor (a).

ABSTRACT

The research refers to the reflection on how teachers of a public school located in the town of Serra Grande/PB, understand and work with sexuality issues, with the objective to analyze the difficulties the teachers have in dealing with issues related to sexuality in school. Investigating how they feel or are unprepared to enter this discussion. Used for theoretical analysis and reasoning the following authors: Louro (2008); Suplicy (1995); as well as the Parâmetros Curriculares Nacionais (2001). The methodology used to conduct the study was the study of exploratory field, quantitative mapping reflections since the intention was to study in detail the difficulties of teachers to work with issues of sexuality in the classroom. To this end had been applied a questionnaire with open questions and closed and nine elementary school teachers. The reflections occur on the responses obtained in the questionnaires delivered by the research subjects. The results indicate that teachers recognize the importance of the theme sexuality, but involve bias issues, values and social standards, which according to the respondents is difficult to approach and discuss sexuality issues in school, combined with the lack of specific training, as well as collaboration of the family. We hope this work will awaken other searches in the same direction, so that we can advance the discussion and encourage the awakening of the entire community.

Key-words: Education. Sexuality issues. Teacher (a).

Lista de Quadros

Quadro 1: Formação dos (as) professores(as).	26
Quadro 2: O que é sexualidade?	28
Quadro 3: Os(as) alunos(as) questionam sobre estes assunto?	29
Quadro 4: Preparação para trabalhar o tema em sala de aula	30
Quadro 5: Importância da discussão	31
Quadro 6: A instituição promove discussão sobre sexualidade	31
Quadro 7: Preparação para lidar com questões de sexualidade	32
Quadro 8: São trabalhadas outras categorias da diversidade sexual (homossexualidade, bissexualidade, travestilidade, transexualidade) na escola?	33
Quadro 9: Há discussões sobre questões de gênero na escola?	34
Quadro 10: Como é trabalhada essa temática na escola?	34
Quadro 11: Cursos preparatórios	35
Quadro 12: Capacitação específica	36
Quadro 13: Há diferenças entre o significado dessas temáticas: sexo, sexualidade, gênero e orientação sexual?	36
Quadro 14: Colaboração familiar para discussão da temática	37

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	12
2.CONVERSANDO SOBRE SEXUALIDADE: breve histórico	15
2.1 SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: algumas questões	19
3. METODOLOGIA	25
4.RESULTADOS E DISCUSSÕES	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade envolta em questões da diversidade humana. Aqui, nos propomos refletir sobre como professoras de escolas públicas do município de Serra Grande (PB) lidam com questões de sexualidade com os seus alunos (as). Nos últimos anos, as questões relacionadas a sexualidade no ambiente escolar se tornaram mais visíveis em função dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

De acordo com Louro (2008), com o surgimento da Síndrome da Deficiência Imune Adquirida (AIDs) na década de 80, que ficou conhecida como “câncer gay”, a educação sexual passa a ser necessária nas escolas com o intuito de combater a doença, haja visto a euforia, a exclusão e a discriminação na sociedade, a partir do conhecimento da mesma. Por essa razão passou-se a ter a temática Orientação Sexual como tema transversal necessário de ser trabalhado a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais com base na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBN) elaborada em vinte de dezembro de mil novecentos e noventa e seis.

Conforme Brasil, (p.129), “O trabalho de orientação sexual deverá, portanto, se dar de duas formas: dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema”. Tornando a escola um espaço de reflexão e de questionamento sobre os tabus, as crenças e os valores a respeito dos relacionamentos e comportamentos sexuais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, (p.123), ressaltam que para tratar sobre sexualidade se faz necessário uma consciência sobre quais são “os valores, as crenças, as opiniões e os sentimentos” a ela associados, isso é um aspecto fundamental para o desenvolvimento de uma postura ética do professor, na sua atuação com os alunos.

Abordar a sexualidade na escola não é uma questão fácil, isso porque junto com ela vem os padrões e valores éticos, morais, religiosos, exigidos e construídos pela sociedade ao longo da história, e ainda o reforço da heterossexualidade e de práticas conservadoras. Essas questões acabam por refletir nas práticas pedagógicas de professores (as), que os (as) torna responsáveis pelos conceitos e ideias de sexualidade que disseminem.

Deste modo, mesmo que a sexualidade envolva fatores intimamente pessoal de cada um ela está fortemente ligado ao processo de formação cultural de nossa sociedade, fatores esses que não podem ser desconsiderados neste fazer pedagógico, portanto é função da escola conduzir esta ação respeitando as manifestações pessoais de cada indivíduo.

Neste sentido, por acreditar que como professores (as) não podemos negar ao nosso alunado a compreensão de sexualidade, inerente a sua constituição humana, procuramos refletir sobre como professores (as) tratam da questão da sexualidade em sala de aula, se o fazem e como acontece, partindo da ideia que tudo que não se conhece é a princípio estranho, diferente, intolerante e/ou perturbador.

Assim, temos como objetivo compreender as dificuldades enfrentadas por professores (as) ao tratar questões de sexualidade no município de Serra Grande/PB. Alguns estudos tratam da preocupação em trazer discussões sobre a sexualidade para as escolas e da necessidade de tornar este assunto tão natural como outro qualquer, o que ocasionaria melhor compreensão das relações interpessoais dos indivíduos e, conseqüentemente, sobre si mesmos, apesar de suas limitações no ambiente escolar. Quando se trata de sexualidade é preciso lembrar que professores (as) podem sentir-se constrangidos, inseguros, com pouca base teórica para tratar desse tema em sala de aula. O que de fato acontece, haja visto que as discussões sobre, na universidade ainda são poucas. Aqui, cabe mencionar que o tema nos chamou a atenção por ser um dos grandes desafios enfrentados pela família e pela escola nos dias atuais, quando muito se fala em sexo, gênero e sexualidade e, ainda há muito por entender destes.

Para tratar deste assunto, usamos como base Louro (2008), Suplicy (1995) e os Brasil (2001), por acreditar que nos auxiliam no desenvolvimento da discussão teórica sobre o tema.

É de suma importância trazer a discussão sobre sexualidade para o ambiente escolar, pois todos os dias o que vemos e ouvimos, seja na mídia, jornais, revistas enfim, tem um forte apelo sexual que provoca cada vez mais a curiosidade e o questionamento de crianças e adolescentes. Por essa razão, as instituições devem estar preparadas para uma formação de novos conceitos, quebrar tabus conservadores que veem a discussão sobre sexualidade como algo que deve está fora da escola, promovendo assim mudanças sociais.

A sexualidade é construída ao longo da nossa formação cultural dentro da sociedade, assim, a escola precisa se apropriar cada vez mais desta discussão, não apenas em dias específicos como palestras e/ou eventos, por exemplo, mas sim uma comunicação permanente, que trate questões de sexualidade, sexo e gênero de forma natural. Os (as) professores (as) precisam atentar para a ideia de que estão formando pessoas que irão construir suas próprias identidades numa perspectiva ética e cidadã levando os educandos a expressar, superar suas dúvidas e medo de forma reflexiva sobre os preconceitos. Isto

significa que questões de sexualidade precisam ser tratadas na escola como foco de uma educação sexual para além dos aspectos da biologia e da reprodução.

Devemos investigar essa temática com o intuito de descobrirmos quais os motivos que levam professores (as) a ter dificuldades para trabalhá-la na sala de aula: seria falta de conhecimento? de compreensão e aceitação da família para se tratar o assunto na escola? de ajuda de outras instâncias, área da saúde por exemplo? de interesse em trabalhar a temática? Compreendemos que muitas são as possibilidades, mas, nenhuma justifica a ausência de discussão.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos. A introdução, correspondente ao nosso capítulo 1, onde situamos o leitor justificando as razões que nos levaram a realização dessa pesquisa e mencionamos os autores base desse trabalho. No segundo capítulo, tratamos da fundamentação teórica, trazendo alguns elementos base da temática a discussão. Já no terceiro capítulo, evidenciamos os procedimentos metodológicos e instrumentos utilizados nessa pesquisa. Por fim, no quarto capítulo apresentamos os resultados alcançados. Concluímos apresentando considerações finais que aqui foram possíveis de alcançar.

2. CONVERSANDO SOBRE SEXUALIDADE: breve histórico

A sexualidade vem sendo vista de diferentes maneiras, ao longo da história da humanidade. Segundo Ussel (1980) com o crescimento da burguesia ocorreram transformações sociais e também na sexualidade, logo essa passa a ser vista como a união entre pessoas do sexo oposto para o casamento e reprodução, estando fora de cogitação qualquer forma de manifestação que não fosse para esse fim.

Assim, as pessoas foram levada a esconder qualquer tipo sensação sexual ou fazer de conta que ela nunca existiu. Conseqüentemente se tornou misterioso e fora do normal tudo que fugisse dos padrões sociais, a partir de então se tornou problemático falar sobre sexualidade. De acordo com Chauí (1987, p.42)

No século XIX o sexo passou a ser estudado e investigado num contexto médico científico, tendo como maior preocupação a classificação das patologias físicas e psíquicas, a disseminação das doenças venéreas, os desvios e as anomalias sexuais. Os objetivos tanto eram higiênicos ou anormais. Em outras palavras, a sexualidade foi o foco para onde a medicina direcionou o seu “olhar” mais vigilante.

Dessa forma repreendeu –se de vez a sexualidade, porque tendo o controle sobre sexo, teria-se também da população. Os médicos consideravam que a masturbação por exemplo, trazia consequências nocivas à saúde e por isso os professores deveriam mantê-los ocupados e desviar-se do assunto interditando qualquer curiosidade dos alunos. Para Rousseau (1992, p.240),

os objetivos da educação comportam dois aspectos: o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e o seu afastamento dos males sociais. O mestre deve educar o aluno baseado nas suas motivações naturais, uma vez que, ao tornarmo-nos conscientes das nossas próprias sensações, estamos inclinados a procurar ou a evitar os objetos que as produzem. Para tanto, era necessário retardar o crescimento intelectual demandando a criança demonstrar seus próprios interesses sobre um assunto e fazer suas próprias perguntas, que, por princípio, não seriam malélicas, haja vista sua bondade natural.

Na segunda metade do século XIX a sexualidade se restringia exclusivamente a heterossexualidade. A partir de então, Junqueira,(2009,p.37) diz que “médicos, filósofos, moralistas e pensadores passaram a fazer proclamações e descobertas sobre o sexo, a inventar classificações de sujeitos e de práticas sexuais e a determinar o que seria ou não normal, adequado, sadio”. Disso surgiram a homossexualidade e as práticas afetivas e sexuais entre pessoas de mesmo sexo ganharam nova visão.

A falta de orientação sexual vem se trazendo sérios problemas educacionais e sociais, levando os jovens a iniciação prematura sem uma orientação para a vida sexual. Esse processo desorientado tende a levar crianças e adolescentes a doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada ou abandono escolar, questões que trazem a necessidade de um ambiente onde os alunos tenham a oportunidade de expor e discutir suas ansiedades e questionamentos sobre a sexualidade.

A orientação sexual não se resume apenas a transmissão de conteúdos sobre sexo, deve também ser considerado o contato entre pessoas, os valores, atitudes e comportamentos. É importante que os educadores busquem se preparar pedagogicamente para trabalhar sobre essa temática, pois é notável que, a maioria dos educadores não possui preparação suficiente e que seus conceitos estão restritos apenas a leitura sem considerar os fatores que influenciam esse processo.

É fato que a problematização sobre a sexualidade sempre existiu, mas vem sendo construída e modificada socialmente a cada época. “Muito embora reconheçamos os avanços, percebe-se que no campo das políticas educacionais, as políticas inclusivas ainda pairam sob o caráter da polêmica, em virtude da dimensão moral e dos aspectos socioculturais envolvidos” Costa (2011,p.24). Falar sobre sexualidade apesar de tanto tempo fazendo parte da sociedade, ainda é algo novo que requer muitas discussões.

Nessa perspectiva, Louro (1999, p.88) argumenta que,

como em outras instâncias sociais, na escola pratica-se uma pedagogia da sexualidade, na medida em que essa instituição captura sentidos que circulam na cultura, resignificando-os, bem como, impondo outros através de suas intrincadas redes de poder.

A escola é um reflexo da sociedade que transmite e conserva tudo que lhe é favorável, ela define o que devemos falar, silenciar, mostrar e esconder. Por isso, as identidades sexuais são marcadas por diferenças, pois tudo que é produzido no currículo reforça as diferenças de gênero, de classe, de sexualidade, de raça. Além disso, “as temáticas relativas as homossexualidades, bissexualidades e transgenirilidades são invisíveis no currículo, no livro didático e até mesmo nas discussões sobre direitos humanos na escola” (JUNQUEIRA,2009, p.30).

Sendo assim, as práticas pedagógicas têm o poder de influenciar as pessoas e introduzir conceitos, por isso o (a) professor (a) precisa atentar para sua ação em sala de aula, bem como a sua fala, aos conteúdos dados, fatores importantes para um bom conceito sobre a sexualidade. Diante disso, faz-se necessário questionar esse tipo de educação para não acontecer a homogeneização da produção do conhecimento que está vinculado com as relações de poder que controlam a sexualidade através das normas, regras e padrões.

De acordo com Louro (2008, p.16)

Como não está garantida e resolvida de uma vez por todas, como não pode ser decidida e determinada num só golpe, a ordem precisará ser reiterada constantemente, com sutileza e com energia, de modo explícito ou disseminado. Mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos.

Aqui, tratamos um pouco das diferenças entre sexualidade da norma e contra a norma. A norma adotou o comportamento heterossexual como o aceito e adequado socialmente. Ter um comportamento que difere do normativo é no mínimo desafiador.

Para Louro,(2008, p. 28)

Escola, currículos, educadoras e educadores não conseguem se situar fora dessa história. Mostram-se, quase sempre, perplexos, desafiados por questões para as quais pareciam ter, até pouco tempo atrás, respostas seguras e estáveis. Agora, as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as fórmulas são inoperantes. Mas é impossível estancar as questões. Não há como ignorar as “novas” práticas, os “novos” sujeitos, suas contestações ao estabelecido. A vocação normatizadora da educação vê-se ameaçada.

A homossexualidade para uns é considerado (a) anormal, outros consideram natural, porém, a maioria os (as) consideram, no mínimo estranho (a). Com tudo isso os movimentos acerca da homossexualidade eram poucos e internacionais. A partir de 1975 surgiu o movimento de libertação homossexual no Brasil, que buscava igualdade, como também, que as pessoas assumissem sua orientação homo.

No Brasil a temática passa a ser, mas visível na educação, com o surgimento da AIDS, tido como “câncer gay”, associou-se à doença com a homossexualidade aumentando a homofobia e a exclusão por parte da sociedade. Desse modo, a medida que possibilitou as discussões sobre a sexualidade também levou as pessoas a ter medo da doença.

As redes escapam, portanto, dos contornos da comunidade homossexual tal como era definida até então. O combate a doença também acarreta um deslocamento nos discursos a respeito da sexualidade – agora os discursos se dirigem menos às identidades e se concentram mais nas práticas sexuais (ao enfatizar, por exemplo, a prática do sexo seguro (LOURO, 2008, p.35).

As normas determinadas culturalmente são reforçadas pela normativa heterossexual e, não aos homossexuais por considerar que estes são fugitivos dos padrões sociais. É preciso uma prática que desconstrua esses valores. Na perspectiva de Louro (2008, p.45)

Uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referências. A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é construído como sua diferença. Esse “outro” permanece, contudo indispensável. A identidade negada é constitutiva do sujeito, fornece – lhe o limite e a coerência e, ao mesmo tempo assombra-o com a instabilidade [...].

O combate a homofobia ainda precisa avançar, para isso é preciso desconstruir essa identidade legitimadora ao longo dos anos pela cultura. A formação pedagógica oferecida nas instituições despreza homossexuais por serem considerados estranhos e esquisitos. Compreendemos que numa sociedade tão plural, a escola precisa estar preparada para tratar

outras questões e fazer discussões ainda consideradas inviáveis. É preciso transformar a sexualidade historicamente e socialmente.

Diante do anseio de construirmos uma sociedade e uma escola mais justas, solidárias, livres de preconceito e discriminação, é necessário identificar e enfrentar as dificuldades que temos tido para promover os direitos humanos e, especialmente, problematizar, desestabilizar e subverter a homofobia (JUNQUEIRA, 2009.p.13).

Embora não seja possível responsabilizar a educação por explicar as diferentes identidades sexuais, é função dela pelo menos não impor, não contribuir para atitudes preconceituosas e discriminatórias promovendo ações voltadas para a igualdade e o respeito as diferenças sexuais e humanas.

2.1 SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: algumas questões

Não é possível identificar exatamente na história, a época que a sexualidade começa a fazer parte do conteúdo escolar, de acordo com Sayão (1997) a partir da segunda metade do século XVIII na França, os educadores baseados em concepções higienistas e nos pressupostos pedagógicos de Rousseau, veiculavam a educação sexual, através de informações dirigidas com o objetivo de reprimir as manifestações da sexualidade infantil, com atenção especial ao combate a masturbação.

Deste modo não seria mais possível conter a curiosidade das crianças, elas não poderiam ser tão inocentes, porém as informações dadas deveriam preservar o máximo as crianças de tudo que não fizesse bem ou perigos que a sexualidade pudesse trazer.

Conforme Sayão (1997.p.35) “a introdução da educação sexual nas escolas brasileiras realizou-se no início do século XX, com os mesmos propósitos do pensamento europeu, aliados a preocupações em erradicar as doenças venéreas”. Embora os primeiros registros sobre trabalhos com a educação possam ser observados na década de 20, admite-se que só adquirem consistência no final dos anos 60.

Embora atualmente exista a declaração dos direitos humanos, ainda existem muitas práticas de exclusão dos homossexuais. A sociedade está formada por tabus que não são

fáceis de serem quebrados, por isso durante muito tempo as pessoas escondiam ser homossexuais. Na década de 60 começou a surgir a educação sexual na escola, mas bastante retraída, os professores não se sentiam a vontade para falar desses assuntos e ainda esbarravam na rejeição de pais e do meio social. Essa discussão de um jeito ou de outro tem que acontecer na atualidade e os pais não estão preparados, é claro que sobrou para a escola.

Hoje a educação sexual é indiscutível e nenhuma escola para adolescentes deixa de aborda-la. A questão agora não é decidir se trata ou não do assunto, mas sim saber como lidar com ele. Por enquanto, a maioria das escolas deixa o assunto nas mãos dos professores e não tem muito controle sobre o que eles falam em classe ou conservam com os alunos [...]. (TIBA, 1994, p. 108).

A educação sexual precisa está voltada para que os (as) alunos (as) sejam éticos e respeitosos, para que possam respeitar o diferente também. Nos tornamos homem ou mulher, e a homossexualidade é vista como algo que está em nosso padrão social, por isso tanto preconceito. Professores (as) são responsáveis pelo estabelecimento de diálogos com seus alunos sobre as diferentes questões que constitui o campo da sexualidade, já que ela é construída socialmente, é a educação que deve conduzir da melhor forma possível a representações adquiridas.

A educação tem um poder muito grande sobre a maneira de como pode influenciar a vida dos sujeitos nela envolvidos. A escola seleciona e transmite todo o padrão exigido pela sociedade. Na escola é aprendida uma linguagem social que define o que deve ser falado, selecionado, mostrado, escondido. Para Louro (1999 p. 88)

Por essa razão, encontramos na escola as marcas que confirmam e produzem diferenças, pois currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação, constituem-se em espaços de construção das diferenças de gênero, de sexualidade, de etnia, de classe.

É possível entender essa situação já que, vivemos em um país onde se tem uma cultura muito intolerante, algumas pessoas que condenam a escolha sexual fora do padrão estabelecido, onde a homofobia é bastante presente, os homossexuais sofrem com a violência,

o desprezo e o preconceito. Por isso, quando os filhos nascem, desde cedo já querem que a menina brinque de boneca e o menino de futebol, estabelecendo seus lugares sexuais.

Estas questões pertinentes a diversidade sexual na escola, necessitam urgentemente da adoção de políticas educacionais que garantam a inclusão e promovam a igualdade, rompendo com a violência e o preconceito.

A educação escolar precisa ser discutida a partir de uma visão crítica e problemática, que favoreça o reconhecimento pluralista de identidades e a mudança de comportamento no que se refere às diferenças.

A escola precisa trabalhar questões de gênero e sexualidade. As questões relacionadas a sexualidade, a homossexualidade, a expressão de gênero e identidade passam a ser estudadas a partir da década de 80. Segundo Giddens (2005, p.116),

[...] distingue até dez diferentes identidades sexuais: a mulher heterossexual, o homem heterossexual, a mulher lésbica, o homem gay, a mulher bissexual, o homem bissexual, a mulher travesti (uma mulher que frequentemente se veste como um homem), o homem travesti (um homem que se torna mulher) e o homem transexual (uma mulher que se torna um homem) [...].

Essas identidades sexuais precisam estar presentes nas discussões sobre sexualidade, gênero e direitos humanos feitas no currículo. Neste sentido, é a partir do gênero que passamos a entender como construímos a sexualidade, e é a partir disso, que se chega ao entendimento do que se deseja ser. É desse modo, que as nossas crenças e a sociedade em que vivemos contribuem para nossa escolha entre gêneros masculino e feminino, interferindo na nossa própria identidade. Como indaga Giddens (2005, p.103)

[...] alguns autores sustentam que aspectos da biologia humana incluindo hormônios, cromossomos, tamanho cerebral e herança genética, são responsáveis por diferenças inatas no comportamento entre homens e mulheres [...] esses pesquisadores tendem, por exemplo apontar o fato de que em quase todas as culturas, são quase sempre os homens, e não as mulheres, que participam da caça e da guerra. Estaria isso indicando, argumentam, eles que os homens possuem tendências biologicamente fundamentadas a agressão que faltam as mulheres?

O ser humano precisa aprender a lidar com as diferenças de gênero, não se pode negar o biológico. No entanto, os educadores podem acabar reproduzindo o preconceito desde muito cedo, quando tudo é separado, na creche, por exemplo, meninos usam azul, comportam-se de forma diferente das meninas, e assim sucessivamente. Temos isso como normal, pois tudo já vem determinado desde antes do nosso nascimento. E com relação a estas definições comportamentais prévias, é possível afirmar que

Durante muito tempo, a sexualidade foi solenemente ignorada pelas escolas. Os professores agiam com seus alunos fossem seres assexuados, mesmo quando chegavam à adolescência. Não poderia ser diferente afinal, toda a sociedade escondia o sexo entre quatro paredes. O melhor método, portanto era não tocar no assunto e deixar que a natureza se encarregasse de ensinar aos alunos o que estava se passado. E como a ordem era reprimir a sexualidade, melhor seria não tocar no assunto para não despertá-la (TIBA, 1994, p.107).

Nesse sentido, o que mais reproduz as desigualdades sociais são o gênero, a classe, a etnia e a raça. Um exemplo disso, é que se uma pessoa for negra, pobre, travesti e analfabeta será extremamente discriminada diante da sociedade.

Existem dois termos que não devem ser confundidos: orientação sexual, que compreende a parte individual do ser humano, a identificação de si mesmo e não se dá a partir do coletivo. Enquanto que, educação sexual é um processo educacional, que é iniciado pela família e pela igreja e, em seguida pela escola. Infelizmente, só é colocado no currículo da escola o que parece ser conveniente de lá estar e quando se trata de diversidade sexual, a possibilidade é ainda menor. Alguns professores (as) fingem não saber e não perceber quando surge o assunto, ou se sentem constrangidos em conversar com seu alunado sobre o assunto, também ocorre na família principalmente, porque a igreja julga a sexualidade como se fosse um pecado que leva a condenação, por isso que os indivíduos não conseguem tratar esse assunto com naturalidade. Sendo assim, a educação prefere manter tudo como está, ocultando a desigualdade sociais e de gênero.

No Brasil, o ensino sempre foi fortemente influenciado pela igreja católica que durante muito tempo manteve escolas exclusivamente femininas ou masculinas (talvez para reproduzir o modelo dos conventos). A religião, todos sabem, teve um papel importante nesses mecanismos de repressão e sonegação de informações sexuais, particularmente aos jovens. Quando era

exibido um filme em uma escola orientada por religiosos, era comum que deles ficassem junto ao projetor, para cobrir a lente na hora do beijo ou qualquer outra cena considerada libidinosa, de forma que a cena só fosse projetada em sua própria mão. (TIBA, 1994, p. 107).

Diante do exposto é necessário que a formação pedagógica passe por orientações e deve confrontar esses padrões. É nessa perspectiva, que surge algumas implicações pedagógicas como: a carência de profissionais da educação para dialogar essa temática, a falta de ação das diretrizes e bases de ensino e as escolas não assumem sua responsabilidade.

Dessa maneira, acredito que será muito difícil e que ainda tem muitos desafios a serem alcançados, principalmente quando se trata de direito igualitário e cidadania. Mas ainda assim o papel fundamental é da educação uma vez que promover uma formação continuada para os profissionais formados que sejam capazes de reconhecer as diferenças e coloca-las em prática.

Sabendo que a educação sexual deve vir primeiro da família, a educação aparece como uma complementação já que muitas vezes os (as) alunos (as) tem mais facilidade de dialogar na escola com o educador e seus colegas do que com seus pais, daí a importância da relação escola/família.

[...] assim a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos de orientação sexual na proposta curricular [...] não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que a cada família oferece. Antes, caberá a escola trabalhar o respeito às diferenças, a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias. A única exceção refere-se às situações em que haja violação dos direitos das crianças e dos jovens. (BRASIL, 2001, p.124).

A escola precisa mudar, deixando um pouco de lado os espaços programados e sempre do mesmo jeito, pois é a partir dos conflitos que se pode transformar essas ideias preconceituosas. O ambiente escolar deve trazer novos temas e práticas educativas, proporcionando um ambiente favorável a aprendizagem, para que cada pessoa possa assumir sua personalidade sem ser discriminada. Sendo assim, a educação deve respeitar os direitos humanos, procurar ter um bom relacionamento com os movimentos sociais e ser um ambiente de encontro e diálogo.

O educador precisa ter a atenção de não reproduzir o preconceito, ele deve está aberto às diferenças, seja sexual ou qualquer outra, o professor deve saber pelo menos o básico e colocar na sua prática, passando para seus alunos uma postura democrática, porque para se falar de sexualidade não se pode deixar aparecer sua opinião na sala de aula, já que sua postura ao ensinar pode afetar diretamente os educandos.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida na cidade de Serra Grande, Paraíba, em uma escola da rede pública. A mesma é uma pesquisa do tipo de Campo, para a qual fora utilizado o instrumento de coleta de dados questionário com perguntas abertas e fechadas, que nos permitiram traçar reflexões analíticas quantiquantitativas.

A metodologia uma pesquisa de caráter exploratória, que se caracteriza pelo esclarecimento de ideias numa abordagem qualitativa e quantitativa, com o intuito de refletir sobre como são trabalhadas as questões de sexualidade em escolas do município de Serra Grande/PB.

Sendo assim, a perspectiva qualitativa traz junto valores, representações e opiniões que melhor nos aprofunda sobre amplitude do tema. O questionário permite ao sujeito responder perguntas que nos facilitam o entendimento sobre elementos mascarados nessa discussão, fazendo as representações acerca da sexualidade, identificando suas dificuldades e fatores que a constituem.

Fizemos uso da pesquisa de campo, pois “implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva” (OLIVEIRA, 2008, p.37). Segundo Gil (2009), o pesquisador passa muito mais tempo em contato com o grupo ou comunidade que estuda e, isto é imprescindível para melhor compreensão e análise dos dados coletados.

Para realização da coleta de dados aplicamos um Questionário contendo 15 questões, sendo 11 abertas e 04 fechadas com perguntas estruturadas em que se objetivava analisar as dificuldades dos professores para trabalhar questões sobre sexualidade.

Por se tratar de pesquisa envolvendo seres humanos, a pesquisa foi norteada a partir de normas e diretrizes que obedecem a Resolução 466/12, publicado dia 13 de junho de 2013 na edição Nº 112 do Diário Oficial da União (DOU), a qual incorpora os referenciais básicos da bioética, bem como os princípios éticos da autonomia, não maleficência, beneficência e justiça (Brasil,2013).

Foi garantido todo o esclarecimento necessário, bem como, absoluto sigilo das informações obtidas durante todas as etapas. O responsável assinou o termo de

Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), constando as principais informações referentes a pesquisa.

A pesquisa foi realizada na escola E.M.E.F Acadêmico Francisco Vidal de Moura do município de Serra Grande /PB, tendo por foco o Ensino Fundamental 1. A escola é composta por 18 professores distribuídos nos dois distribuídos nos dois turnos manhã e tarde, Ensino Fundamental 1 e Ensino Fundamental 2, constando cada turno de 09 professores. Entretanto, nossa pesquisa limitou-se ao Ensino Fundamental 1, haja visto que este compreende os anos iniciais do ensino fundamental – 1º ao 5º ano –, nível foco de nossa pesquisa. Como equipe pedagógica e técnica a escola possui: 01 (uma) diretora, 01(uma) vice-diretora, 01 (uma) supervisora, 01 (uma) secretária e 02 (duas) auxiliares de secretaria.

Para caracterização do perfil dos professores foram consideradas as seguintes variáveis: sexo, idade, escolaridade e atuação. Dos participantes da pesquisa 08 (oito) são do sexo feminino e 01 (um) do masculino, com faixa etária de 29 a 50 anos, predominando as idades entre 30 e 40 anos. Quanto à formação, todos são graduados, a maioria, inclusive, em mais de um Curso de Licenciatura: (2) só possuem graduação em pedagogia, (3) em letras e pedagogia e especialização em língua, lingüística e literatura, (1) em pedagogia e história e especialização em psicopedagogia, (1) em geografia e pedagogia e especialização em psicopedagogia, (1) tem historia e pedagogia e especialização em metodologia do ensino, por fim (1) só possui graduação em pedagogia e especialização em orientação e supervisão.

Quadro 1- Formação dos (as) professores(as).

LICENCIATURA		ESPECIALIZAÇÃO	
Pedagogia	TODOS	Língua, lingüística e literatura	03
História		02	Psicopedagogia
Geografia	01	Metodologia do ensino	01
Letras	01	Orientação e Supervisão	01
		Não possui	02

Fonte: Próprio Autor.

4.RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi realizada com 9 professores do ensino fundamental 1 da Escola Municipal de Ensino Fundamental. Estes responderam a um questionário de 15 questões contendo 11 questões abertas e 4 fechadas em que buscaram analisar o conhecimento deles sobre a sexualidade na referida escola.

Na questão 1 foi feita a seguinte pergunta: *o que é sexualidade para você?*

A pesquisa revelou que 06 (seis) professores disseram que o conceito de sexualidade está relacionado a orientação do sexo; 01 (um) aos prazeres e sensações do corpo. Já para 02 (dois) responderam que é a descoberta do seu próprio corpo e suas características. Diante dos resultados obtidos é perceptível que os professores não tem um conceito seguro do seja realmente a sexualidade, atribuindo apenas ao corpo.

Contudo, mais do que nunca torna-se necessário falar sobre sexualidade, porém esse falar ainda se encontra distanciado da realidade destes professores. Segundo Suplicy: “As aulas tratam apenas do funcionamento dos órgãos, como se os mesmos existissem no abstrato, não pertencendo a determinada pessoa humana, com sentimentos e história própria”. p.16,1992.

Diante dos resultados obtidos sobre o que seja a sexualidade. A maioria deles deram o conceito de sexualidade como sendo a condição sexual de cada individuo, ou seja, tudo relacionado ao sexo, a vida sexual e do funcionamento dos órgãos genitais, masculino e feminino. Eles não mudaram o foco para outras questões relacionadas a esse tema, só falaram sobre outras perspectivas da temática ao serem questionados nas outras perguntas. Nessa tentativa de conceituar a sexualidade Loyola (1998,p.35) diz que:

Descartamos como idéia fundamental para a compreensão da sexualidade o foco do seu entendimento a partir da binaridade dos sexos e sua função reprodutiva, para o empreendimento desta a partir de suas diversas manifestações .As relações sexuais , as condutas e/ou comportamentos sexuais, as preferências sexuais, a satisfação, o desejo, as técnicas sexuais, as fantasias sexuais , as expressões, as paixões, os amores, a fala, os gestos, dentre outros elementos constituem o campo da sexualidade humana, porém muitas vezes, restritos a um único gênero (...).

Neste sentido, a sexualidade oferece um sentido muito amplo que envolve muitos fatores da vida humana, tudo deve ser levado em consideração quando se tratar da opção sexual de alguém, pois é justamente esse, que nos parece estranho e esquisito, que tem que ser compreendido.

Portanto, “a concepção de sexualidade aqui empreendida é aquela que não fixa seus significados, muito menos seus conteúdos, podendo e/ou devendo os mesmos variar não somente ao longo da história de uma sociedade, mas também, da vida dos indivíduos” (LOYOLA,1998,p.14).

Quadro 2: O que é sexualidade?

SEXO	CORPO
07	02
É um processo de descoberta do corpo, de cada indivíduo. P.F	
É um conjunto de atitudes que está relacionado ao prazer com o corpo. P.G.	
É uma característica geral experimentada por todo ser humano, define-se pela busca de prazeres, admiração descoberta das sensações proporcionada pelo contato, toque, desejos, etc. P.B.	

Fonte: Próprio Autor

Ao serem questionados sobre: *Se são questionados pelos alunos sobre esse assunto?* Responderam: 01 (um) dos professores respondeu que sim alguns alunos já o questionaram sobre a temática. Outros 08 (oito) responderam que não e destes, 01 (um) comentou que ainda não notou este termo nas crianças porque são muito pequenas ainda e que só falam desse assunto quando surge algum fato relacionado. De acordo com Brasil (2001, p. 129)

A sexualidade provoca nas crianças uma grande variedade de sentimentos, sensações, dúvidas, etc. Todas essas manifestações são objetos de trabalho do tema Orientação Sexual. Embora não sejam passíveis de serem programadas, elas acontecem inevitavelmente e, para isso, o professor deverá estar preparado: deverá se planejar para trabalhar essas situações no momento em que elas acontecerem. A atitude do professor de acolhimento a essas expressões e de disponibilidade para ouvir e responder a questões é fundamental para o trabalho que aqui se propõe.

Desse modo, os professores mencionam que não são questionados na sala de aula, ou as crianças são pequenas, mas, muitos ainda compreendemos que na verdade não estão preparados pra falar sobre sexualidade, eles se sentem constrangidos quando surge qualquer tipo de projeto na escola com relação a este tema.

Quadro 3: Os(as) alunos(as) questionam sobre estes assunto?

SIM	NÃO
01	08
Não. P.A.	
No momento não. P.C.	
Ainda não fui questionada sobre o tema. P.D.	
Sim alguns alunos questionam, querem saber de tudo, tem muitas dúvidas. As meninas também são bem curiosas. P.E.	
Os alunos não questionam, P.H.	
Não. P.I.	

Fonte: Próprio Autor

Ao serem questionados: *percebem-se preparados para trabalhar com questões de sexualidade em sala de aula?* 05 (cinco) responderam que sim, porém é um assunto que devemos está sempre pesquisando para saber lidar com as diferentes situações do dia-a-dia. Outros 04 (quatro) disseram que não porque é um tema muito delicado, que é preciso estudo, responsabilidade e preparação para trabalhar essa temática na escola. Neste sentido, Louro (1997, p. 61), menciona

Hoje vivemos uma espécie de “overdose” de informações, mas por outro lado e de maneira geral, falta a nós uma adequada capacidade de interpretação e até mesmo capacidade de seleção dessas informações que muitas vezes se perdem em nossa frágil formação crítico-interpretativa.

Realmente falar sobre sexualidade ainda é algo muito complicado que ainda assusta os professores, pois lidar com pessoas de conceitos diferentes requer muito cuidado. A escola é quem deve oferecer subsídio para isso, mesmo o professor querendo se preparar sozinho se torna algo muito insatisfatório para a comunidade escolar, pois tudo deve ser realizado junto.

Quadro 4: Preparação para trabalhar o tema em sala de aula

SIM	NÃO
O5	04
Sim.P.A.	
Não. O termo sexualidade é muito pesado, precisamos está bem preparados (a) e eu não não me considero esta com responsabilidade, preciso de uma formação. P.B.	
Sim. Mas consciente de que devemos buscar sempre aprofundar-se no assunto para lidar com as diferentes situações. P.C.	
Não. Pois é um assunto muito delicado de se trabalhar. P.D.	
Não. P.E.	

Fonte: Próprio Autor

Quanto perguntados sobre: *qual a importância dessa discussão na escola?* Todos(as) mencionaram ser importante trabalhar essa temática na escola. Destes(as) 04 (quatro) afirmaram que é importante discutir porque precisamos quebrar os tabus e o preconceito, criados pela nossa cultura ao longo da história. Outros(as) 05 (cinco) responderam que é importante trabalhar esse tema com o objetivo de esclarecer, orientar e informar as dúvidas dos alunos relacionadas a sexualidade. Na realidade, esse constrangimento acerca da sexualidade, dificulta um trabalho que proponha a diminuição dos tabus e preconceitos, o que possibilitaria uma discussão mais aberta sobre a sexualidade. Para Suplicy (1999,p.08):

(...) a orientação sexual é um processo formal e sistematizado que se propõe a preencher as lacunas de informações, erradicar tabus e preconceitos e abrir as discussões sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos. (...) Esse trabalho pode ocorrer em ambientes tais como centro de saúde, comunidades de base, de bairro, clubes, igrejas, meios de comunicação.

Se para trabalhar a sexualidade somente na perspectiva de orientação do corpo já é difícil para o professor, imagine para desconstruir valores, tabus e conceitos passados de um para outro durante a história e o preconceito existente diante do novo na sociedade, para isso

não é só aulas perdidas no meio dos conteúdos que vai quebrar a ideologia formada pelas pessoas de nossa cultura não.

Quadro 5: Importância da discussão

Com o principal objetivo de esclarecer, informar e tirar dúvidas que envolve muito os adolescentes neste momento de descoberta, afim de que eles possam desenvolver essa prática e usufruir desses momentos tão importante na vida com total segurança e bem- estar. P.A.
Se faz necessário quebrar os tabus da sexualidade como algo pecaminoso, proibido e para isso é necessário o diálogo. P.H.
É importante para mudar a visão em relação ao preconceito homossexual bem na orientação do aluno em relação aos cuidados na relação ou ato sexual. P.I.

Fonte: Próprio Autor

Questionamos: *a instituição de ensino em que você trabalha promove discussões sobre sexualidade e educação sexual?* 06 (seis) dos professores responderam que sim através de projetos junto com família. E 03 (três) responderam que não. Nesse momento os professores entram em contradição, pois todos trabalham na mesma instituição de ensino, em um mesmo turno.

[...] é apenas aparentemente que a sexualidade não é um assunto discutido no espaço escolar. Por isso, é evidente a necessidade de que seja instituído um projeto duradouro e eficiente de educação sexual nas escolas brasileiras, haja vista os problemas, já evidenciados neste estudo, que a omissão de uma abordagem nessa área representa. (FOUCAULT, 1993, p.73).

É notável que a educação quando se trata de sexualidade ainda produz algo tão vazio que os professores nem ao menos se dão conta do que fazem nos projetos da escola.

Quadro 6: A instituição promove discussão sobre sexualidade

SIM	NÃO
06	03
Sim .Quando surge a necessidade, a escola logo procura trabalhar, tanto com os alunos quanto com a família. P.B	
Muito raramente se promove discussões acerca desta temática, no ano passado foi desenvolvido um projeto sobre abuso sexual, onde se trabalhou, relação de gênero, o contato e cuidado com o corpo. P.C.	

Sim, já houveram alguns trabalhos sobre o tema. P.D.
Não. P.E.
Sim. P.F.
Sim, por meio de projetos que remetem ao tema. P.G.

Fonte: Próprio Autor.

Ao serem questionados: *você se considera preparado(a) para lidar com questões de sexualidade junto aos alunos(as)?* 04 (quatro) responderam que sim, 05 (cinco) consideram que não pois tem muitas dificuldades e seria preciso uma formação mais específica sobre o tema. Segundo Nunes e Silva (2000, p. 106)

na maioria dos docentes subsiste a ausência dos fundamentos científicos para abordagem a sexualidade com os alunos, bem como a própria dificuldade pessoal, enquanto fatores que interferem no esclarecimento das questões e situações que envolve o sexo.

Diante do que foi dito pelos professores a escola deixa a desejar quando se trata de educação e estudo sobre sexualidade. É importante que ela busque apoiar e oferecer formações continuadas a fim de tornar os professores mais atuantes nessa questão.

Quadro 7: Preparação para lidar com questões de sexualidade.

SIM	NÃO
04	05
Não. Preciso me preparar, precisamos de formação que nos auxilie neste trabalho. P.B.	
Ainda não. Pois trabalho em uma sala de 4º ano, onde são crianças de faixas etárias diferentes o que acarreta em compreensões diferentes. P.D.	
Não. Tenho bastante dificuldades, não me sinto preparada para lidar com este assunto. P.E.	

Fonte: Próprio autor

Aqui, adentramos a uma perspectiva surgida durante as observações e nos diálogos com as professoras. Percebemos que não há menção a outras categorias da diversidade sexual (homossexualidade, bissexualidade, travestilidade e transexualidade) na escola e, isto pode dificultar a expressividade natural de alguns(mas) alunos(as), haja visto que a escola precisa estar apta a lidar com todos(as) que dela fazem parte. Neste sentido, questionamos: *são trabalhadas outras categorias da diversidade sexual (homossexualidade, bissexualidade,*

travestilidade e transexualidade) na escola? Dos (as) questionados (as) 02 (dois) afirmaram que sim, que trabalham mas não aprofundam o assunto e, 02 (dois) responderam que não, porque é uma temática difícil de ser trabalhada na escola; outros 02 (dois) responderam também que não, porque envolve questões ligadas a religião; por fim, mais 03 (três) responderam não, porque é um tema novo e as famílias são, na sua maioria, conservadoras. Para, além disso, mencionaram a necessidade de uma formação específica para lidar com este tema.

Quadro 8: São trabalhadas outras categorias da diversidade sexual (homossexualidade, bissexualidade, travestilidade e transexualidade) na escola?

SIM	NÃO
02	07
É um pouco difícil, pois ainda existem muitos tabus e preconceitos a serem quebrados a ignorância são alimentado por uma percepção religiosa que não aceita(...) P.A.	
É como já falei, eu não estou preparada, porém se houver necessidade vou buscar uma preparação. P.B.	
A homossexualidade ainda choca algumas, contudo quando você se aprofunda no estudo sobre sexualidade se faz necessário compreender a homossexualidade como uma opção que é particular de cada indivíduo e deve ser respeitado. Procuro lidar com naturalidade. P.C.	
Esse tema é delicadíssimo, pois muitas famílias são conservadoras. P.D.	
Também tenho dificuldade, preciso de uma formação para trabalhar essa temática. P.E.	
Apesar de está dentro da mesma temática da orientação sexual ainda temos que ultrapassar algumas barreiras impostas até mesmo, na questão da religião. P.F.	
Acredito que é necessário uma formação específica para saber lidar com o assunto. Por isso, não me sinto preparada. P.G.	
Neste assunto trato das questões do respeito, da escolha do outro, mas nunca me aprofundi. P.H.	

Fonte: Próprio autor.

Com relação a isto Suplicy (1999, p. 69) menciona que “Precisamos olhar com outros olhos os alunos/alunas quanto a comportamentos ligados ao seu gênero, [...] para desmistificar preconceitos, facilitando assim, a relação com esses alunos/alunas”. Nesse sentido, compreendemos que cabe a escola se apropriar também de discussões sobre diversidade sexual, pois, “o educador deve reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e de jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento” (BRASIL, 2001,p.123). Isto significa que é preciso estar preparado para lidar com a possibilidade da diversidade sexual na escola.

Ao serem questionados: *há discussões sobre questões de gênero na escola?* () sim () não. De acordo com os dados coletados 04 (quatro) educadores entrevistados disseram que sim e 05 (cinco) disseram que não. É obrigação da escola falar sobre essa temática. Para os Brasil (2001, p.121)

O trabalho de orientação sexual, na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. (...) Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno.(...).

Percebemos que há uma contradição nas respostas dos (as) professores (as), haja visto que todos trabalham na mesma escola e, uns responderam sim e outros não a pergunta. De fato, não compreendemos o que acontece nestas atividades para que uns reconheçam o trabalho com o tema e outros não.

Quadro 9: Há discussões sobre questões de gênero na escola?

SIM	NÃO
04	05

Fonte: Próprio Autor.

Ao serem questionados: *Como é trabalhada essa temática na escola?* Dos docentes 04 (quatro) disseram que sim, a escola trabalha através de projetos. Outros 03 (três) disseram que não; destes, 01 (um) disse que apenas dá algumas informações contra o preconceito; 01 (um) que dá apenas algumas orientações, mas que é algo que deixa muito a desejar e, 01 (um) outro que precisa ser primeiro trabalhado com a família para chegar no aluno. E outros 02 (dois) não souberam responder.

Quadro 10: Como é trabalhada essa temática na escola?

PROJETO	NÃO TRABALHA	NÃO RESPONDEU
04	03	02
Essa temática é trabalhada através de projetos de forma dinâmica e principalmente informativa. P.A.		
O tema ainda não chegou em nossa escola, o Gênero precisa ser trabalhado primeiramente com as famílias pra depois chegar no aluno, não é fácil. P. B.		

Não é trabalhada essa temática na escola, algumas orientações no projeto menina abusada. P.E.
Através de projetos, que a escola, secretaria de educação e o ministério público firmaram parceria para trabalhar na escola. P.F.
Não respondeu. P.G.
O assunto é pouco trabalhado, não há uma orientação para o aluno apenas trabalha-se o preconceito. P.H.
Não respondeu. P.I.

O (as) professores (as) demonstram se sentir constrangidos (as) em trabalhar questões de sexualidade na escola, por pensarem que estão construindo ou influenciando as ideias do seu alunado sobre tal questão. Quando, na verdade, a função deles (as) é orientar para que cada um possa tirar e formar sua própria ideia sobre. Por isso a escola deve proporcionar formações para que entendam realmente do que se trata a temática e possam ter mais segurança nas suas escolhas.

Ao questionarmos: *você fez cursos preparatórios sobre esse tema? ()sim ()não*. Dos docentes entrevistados 02 (dois) disseram que sim, uma capacitação junto ao ministério público. Outros 07 (sete) afirmaram que não.

Quadro 11: Cursos Preparatórios

SIM	NÃO
02	07

Fonte:Próprio Autor

Para Nunes e Silva (2000, p.106) “Essa atitude dos professores permite pensar que os docentes não tem uma formação específica para tratar com as crianças e instruí-la naquilo que diz respeito as suas curiosidades sobre as questões sexuais.”

É visível a carência profissional dos professores no que se refere à formação sobre sexualidade. Para eles é algo novo que requer muita cautela para ser trabalhado e só se sentiriam mais seguros com uma formação mais específica na área.

Neste sentido, questionamos: *você considera necessária uma capacitação específica pra trabalhar questões de sexualidade?* Obteve-se o seguinte resultado todos os 09 (nove) professores afirmaram que sim.

Quadro 12: Capacitação específica.

SIM	NÃO
09	0
Como essa temática ainda é tratada com preconceito, considero ser necessário uma capacitação não apenas para professores, mas também para todas que trabalham na escola. P.C.	
Sim , pois desta forma os professores irão trabalhar o tema com mais segurança. P.D.	

Fonte: Próprio Autor.

De acordo com os PCN's (2001, p. 131)

Orientação sexual faz parte do projeto da escola, portanto ela junto a sua comunidade deve determinar desde as posturas que o tema exige até os conteúdos selecionados. Para garantir essa coerência ao tratar de tema associado a tão grande multiplicidade de valores, a escola deverá estar consciente da necessidade de se abrir um espaço para reflexão como parte do processo de formação constante de todos os envolvidos no processo educativo.

Seria importante que a escola oferecesse cursos preparatórios sobre sexualidade porque os (as) professores (as) tem muitas dificuldades para trabalhar esse tema junto aos seus (suas) alunos (as).

Questionamos: *há diferença entre o significado dessas temáticas: sexo, sexualidade, gênero e orientação sexual?* () sim () não. Caso sua resposta seja sim, por favor, justifique-a. Nesta questão, 07 (sete) disseram que sim, eles estão interligados mas possuem significados diferentes. E outros 02 (dois) afirmaram que não, porque estão correlacionadas.

Quadro 13: Há diferenças entre os significados dessas temáticas: sexo, sexualidade, gênero e orientação sexual?

SIM	NÃO
07	02
Sim. Sexo: relação sexual . sexualidade: busca de prazeres, atração, desejos.Gênero: homens/ mulher. P.B.	
Não. São expressões que estão correlacionadas. P. C.	

Sim. Cada um tem o seu significado. Sexo refere-se físico biológico. Sexualidade refere-se ato sexual classifica hetero- homo- e bissexual que é também chamado de orientação sexual. **P.E.**

Fonte: Próprio Autor.

Diante do exposto, Brasil (2001, p.138) afirmam que:

Os conteúdos de orientação sexual podem e devem ser flexíveis, de forma a abranger as necessidades específicas de cada turma a cada momento. Podem-se encontrar programas de orientação sexual bastante diversificado que incluem tópicos como pornografia, prostituição, prostituição, abuso sexual, métodos contraceptivos, desejo sexual, transformação do corpo na puberdade, iniciação sexual, masturbação e muitos outros mais.

Podemos dizer que os professores até tem conhecimento acerca da sexualidade, porém preferem não trabalhar a questão para evitar situações que poderiam vir a ser problemáticas, pois sabemos que tratar de sexualidade abrange outros conceitos, está além de discutir reprodução.

Por fim, ao questionarmos: *Em sua opinião, a família colabora com uma formação mais adequada sobre sexo e sexualidade junto a seus (suas) filhos (as)? Por favor, justifique sua resposta.* De acordo com os dados coletados 02 (dois) disseram que sim a família cuida e orienta os filhos, ela é a base da educação; 01 (um) afirmou que quando se trata de sexo somente algumas famílias contribuem com essa formação; 01 (um) não soube responder. E os outros 05 (cinco) disseram que não; desses 01 (um) afirma que inventam respostas ou mudam de assunto quando questionados, 02 (dois) porque não estão preparados para ter esse diálogo com os filhos; 02 (dois) os pais são conservadores.

Quadro 14: Colaboração familiar para discussão da temática

SIM	NÃO	NÃO SEI RESPONDER
03	05	01
As famílias sentem-se despreparadas para orientar e conduzir a ter sexo seguro e prevenir aspectos relacionados a saúde. P.A.		
Na maioria das vezes repreendem os filhos, ou então mentem criando respostas fantasiosas, deixando a responsabilidade para a instituição, que por sua vez quando discute sobre o tema é de forma superficial, essa tarefa sobre orientação sexual é competência dos pais. P.C.		
Ainda se mantem muito conservadora quando se trata de sexualidade. P.D.		

São poucas as famílias que colobora com uma formação sobre o sexo. P.E.
Não, pois a família continua ainda muito patriarcal e muitos assuntos ainda são tabus no meio famílias. P.G.

Fonte: Próprio Autor.

De acordo com Brasil (2001, p.124)

O trabalho de orientação sexual proposto por este documento compreende a ação da escola como complementar a educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos de orientação sexual na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores da proposta. (...) o papel da escola é abrir espaço para que essa pluralidade de concepções e respeito as diferenças, valores crenças possa se expressar, não compete a escola julgar como certa ou errada a educação que a família oferece.

Trabalhar a questão de sexualidade na escola é uma demanda urgente, e a família precisa estar engajada neste processo de orientação dos (as) filhos (as). Para tanto, é de suma importância que a parceria família e escola se efetive neste contexto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos conhecer e refletir sobre como professores do ensino fundamental 1 da Escola Municipal do Município de Serra Grande/PB lidam com questões de sexualidade em sala de aula. Utilizamos para tal, um questionário de associação livre que se caracteriza pelo conhecimento consciente e esclarecido das pessoas que fazem parte deste trabalho na referida instituição.

No decorrer da pesquisa, percebemos que trabalhar questões de sexualidade requer cuidados e parcerias para otimizar o diálogo sobre no ambiente escolar. Além disso, trabalhar com questões de sexualidade exige estudo e propriedade daqueles (as) que o fazem. Compreendemos que esta falta de base teórica é o que deixa professores (as) inseguros (as) para adentrar a temática. Isso demonstra a característica repressiva que as questões sexuais adquiriram ao longo da história, sempre questionam o preconceito, o padrão e os conceitos criados pela sociedade, e que acabam por dificultar também o trabalho escolar.

Portanto, observamos que os preconceitos, os tabus e os valores morais refletem no trabalho docente, gerando um entendimento equivocado sobre a sexualidade. Apesar dos professores compreenderem a necessidade da discussão da temática na escola, e de estarem preocupados com questões relacionadas ao sexo.

Compreendemos ainda, a necessidade de formações voltadas pra esse tema. Mesmo que as exigências impliquem que se deve trabalhar essa temática na escola é visível que falta muito ainda nesse sentido. Ai está a diferença entre o que se quer que a educação ofereça e o que realmente ela oferece. A orientação deveria ser voltada para atender aos questionamentos dos alunos e na busca da melhor forma de orientá-los a construir suas próprias escolhas oferecendo uma ação que considere a visão de valores pluralista da sexualidade.

Mas, é preciso compreender a educação sexual como algo em processo. É importante buscar construí-la de acordo com as demandas sociais sobre a sexualidade. Assim enfocamos a importância de um trabalho coletivo da equipe escolar, para definir os princípios educativos de um trabalho sobre questões de sexualidade.

Dessa forma, entendemos que os (as) professores (as) da instituição que tão bem nos acolheu para a efetivação desta pesquisa, ainda precisam de mais formação e orientação quanto a formas de trabalhar com esta demanda tão cotidiana. Esperamos que estejam abertos (as) a formações sobre sexualidade, pois todos (as) só temos a ganhar.

Conhecer novos aspectos do tema nos foi bastante proveitoso, possibilitou-nos reflexões sobre nosso trabalho profissional. Concordamos com Louro (2008, p. 57) quando afirma

Parece-me absolutamente relevante refletir sobre as diferentes formas de viver a sexualidade, sobre as muitas formas de se experimentar prazeres e desejo; parece relevante também refletir sobre possíveis formas de intervir, a fim de perturbar ou alterar, de algum modo, um estado de coisas que considero “intolerável”.

Para nós, certas posturas e formas de compreender a sexualidade do outro, por parte de alguns e algumas colegas de profissão, é intolerável. Espero que este trabalho possa contribuir também com outros professores para que possam repensar posturas e atuar avidamente contra o preconceito social que existe na escola, tanto para tratar de questões de sexualidade, quanto sobre a própria natureza sexual dos indivíduos. E que despertem outros interesses de pesquisa também nesse caminho.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, Jean-Claude (org). **Pratiques sociales et representations**. Paris: PUF, 1994.
- BRASIL: pluralidade cultural: Orientação sexual/ Ministério da educação. Secretaria da educação Fundamental. 3. Ed.Brasília: A secretaria, 2001. 164 p.
- COSTA, Adriano Henrique Caetano; JOCA, Alexandre Martins; FILHO, Francisco Xavier Ramos Pedrosa. **Recortes das sexualidades: Encontros e desencontros com a educação**. Fortaleza:2001. 215p.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade – a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- GIDDENS, Atonny. **Sociologia: tradução Sandra Regina Netz**. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed. 2005.600p.
- GIL, Atonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas S.A. 4ª ed. 2009.
- JUNIOR, Saraiva. **Dicionário da língua portuguesa ilustrado**. 3. ed.: Saraiva,São Paulo: 2009. 482 p.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília:Unesco,2009.v.32. 458 p.
- LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**.Petrópolis:Vozes,1997.
- LOURO, Guacira. Segredos e mentiras do currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luis (org). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis:vozes, 1999.
- LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 176p.

_____, Guacira. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1.ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2008. 96p.

NUNES, César e SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas (SP): Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, Maria Marley. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2ª ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992.

SUPLICY, **Marta**, et alii. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho d'água, 1995.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. in: AQUINO, Júlio(org). **Sexualidade na escola** : alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

TIBA, Içami. **Adolescência**: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. ed. 10. São Paulo: Gente. 140 p.

USSEL, Jos Van. **Repressão sexual**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.